

UM ESTUDO DA CONSTRUÇÃO QUE NEM

Juliana Regina Dias (UNESP)
julianardias@ig.com.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem como proposta refletir, por meio de um enfoque funcionalista, o processo de gramaticalização da construção “que nem”, em que os itens “que” e “nem” deixaram de apresentar uma autonomia sintático-semântica e se tornaram uma expressão cristalizada com o valor de “do mesmo modo que/como”.

Para isso, foi feito um estudo da extensa bibliografia referente aos estudos de gramaticalização para fundamentar o assunto e uma pesquisa sincrônica do comportamento linguístico da construção “que nem”. Foram usados, como amparo empírico, dados de uso da língua em situações reais de comunicação, quer na modalidade falada, quer na escrita. Para a amostra de ocorrências de fala, foi utilizado o Banco de Dados IBORUNA, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional, no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Campus de São José do Rio Preto. Essa amostra de fala foi coletada na região de São José do Rio Preto e possui textos do tipo: narrativa recontada, narrativa de experiência pessoal, relato de descrição, relato de procedimento e relato de opinião. A coleta de dados escritos, por sua vez, foi feita em jornais.

Deve-se deixar claro que a gramaticalização será entendida como as alterações de propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas de uma unidade linguística que promovem a alteração de seu estatuto categorial. É um processo de mudança linguística motivada, segundo Meillet (1912), pelas necessidades de os usuários de uma língua serem mais expressivos e buscarem novas maneiras de expressão. Esse processo, tendo em vista a necessidade de comunicação, leva, portanto, um item a mudar de uma categoria menos gramatical para uma mais gramatical e revela, com isso, o caráter não estático das línguas.

1. Fundamentação teórica

Deve-se dizer que as línguas humanas, segundo Faraco (2005), não constituem realidades estáticas, pois sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo, mas nunca perdem o seu caráter sistêmico. Continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação de significados. O autor ressalta que as mudanças atingem sempre partes e não o todo da língua, o que faz com que a história das línguas seja marcada por mutação e permanência.

Faraco comenta ainda que qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos da pronúncia até aspectos de sua organização semântica e pragmática. No entanto, deve ficar claro que as mudanças envolvem não um aspecto específico, mas um conjunto de mudanças correlacionadas.

Assim, na história da língua pode haver, conforme o autor, mudanças fonético-fonológicas (alteração da pronúncia de certos segmentos e alterações no número de unidades sonoras distintivas), morfológicas (que trata dos princípios que regem a estrutura interna das palavras: seus componentes, os processos derivacionais e flexionais), sintáticas (relacionada à organização das sentenças na língua e também ao processo de gramaticalização, em que um elemento lexical ou expressão lexical plena se transmuda num elemento gramatical), semânticas (processo que altera o significado da palavra), pragmáticas (estuda o uso dos elementos linguísticos em contraste com o estudo das propriedades estruturais desses elementos) e lexicais (pode-se estudar as mudanças sonoras, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas, assim como o estudo histórico da composição do léxico).

O autor também afirma que a mudança se dá em todas as línguas e é um processo contínuo e ininterrupto, mas lento e gradual, pois nunca se dá de maneira abrupta. Se isso ocorresse, destruiria as bases da interação socioverbal. Além disso, a mudança, para ele, não é discreta, ou seja, um elemento não é trocado diretamente e de imediato por outro; ao contrário, há sempre um processo histórico, períodos de coexistência e concorrência das formas em variação até a vitória de um sobre o outro. O núcleo do estudo histórico das línguas é o complexo jogo dialético entre o social e o estrutural. As mudanças

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

sociais, ao alterar as relações interacionais, podem, por isso, desencadear, como explica Faraco, processos de mudança na língua.

Dessa forma, com base nessas questões, procurou-se estudar a gramaticalização que é um processo especial de mudança e, diante da vasta bibliografia e das diferentes acepções encontradas sobre esse fenômeno, buscou-se apresentar algumas idéias discutidas pelos principais estudiosos da questão, a fim de contribuir para o entendimento do fenômeno escolhido para a pesquisa.

O primeiro uso do termo gramaticalização é atribuído a Antoine Meillet, precursor dos estudos de gramaticalização. Para esse autor, a gramaticalização é definida como um processo de mudança linguística, diacrônico e gradual, no qual elementos com sentido pleno são pressionados, em determinadas circunstâncias, a funcionar como elementos com sentidos gramaticais.

Meillet propõe a existência de três classes de palavras, as palavras principais (nomes, adjetivos, verbos e complementos circunstanciais), as palavras acessórias e as palavras gramaticais (essas duas últimas especificam o valor das palavras principais e regulam a gramática da língua, tendo como representantes preposições, conjunções e auxiliares), indicando que entre elas há uma transição gradual. A esse processo de transição ele chamou de *gramaticalização*. Essa, portanto, segue, segundo o autor, um curso previsível, unidirecional, pois palavras principais servem como fonte para a criação de palavras acessórias e gramaticais, sendo que o inverso não se aplica. Esse fato justifica a premissa adotada por Meillet de que o léxico alimenta, continuamente, a gramática.

Convém dizer que a variação categorial, decorrente da unidirecionalidade, é acompanhada, segundo Meillet, de duas outras alterações: redução na forma e enfraquecimento do significado. Assim a gramaticalização, para o autor, pode afetar, simultaneamente, vários componentes da língua, como a sintaxe, a morfologia, a fonologia e a semântica.

Givón (1979), algumas décadas depois, introduziu um novo campo de interesse nos estudos de gramaticalização, ou seja, a pragmática discursiva. A partir da análise de diversas línguas, defendeu a idéia de que as estruturas gramaticais de qualquer língua mudam em

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

razão das necessidades do discurso. Com base nisso, o autor concluiu que as estruturas discursivo-pragmáticas tipicamente mais “frouxas” gramaticalizam-se em estruturas sintáticas mais “ajustadas”. Esse é um processo diacrônico e cíclico, partindo-se sempre de um elemento do discurso, com a seguinte trajetória unidirecional:

discurso> sintaxe> morfologia> morfofonêmica> zero

De acordo com o linguista, a gramática é formada pelo movimento unidirecional da esquerda para a direita ao longo de um contínuo estrutural definido funcionalmente entre esses pólos. Desse modo, Givón popularizou uma noção particular de gramaticalização, inaugurando uma linha de pesquisa em que o processo passou a ser visto não só como a reanálise de material lexical em material gramatical, mas também como a reanálise de padrões discursivos em padrões gramaticais, como expõe Longhin-Thomazi (2003).

Convém dizer que um dos estudos muito discutidos no âmbito da gramaticalização diz respeito ao trabalho dos alemães Heine *et al.* (1991). Para eles, a gramaticalização é definida como um processo pelo qual um elemento lexical assume uma função gramatical ou, se já gramatical, assume uma função ainda mais gramatical.

Outra concepção importante para os estudos de gramaticalização é aquela lançada por Paul Hopper (1996). Para ele, a gramática de uma língua é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgindo novas funções/valores/usos para formas já existentes. Assim, a gramaticalização poderia ser definida como um processo por meio do qual alguns elementos de conteúdo lexical se desenvolvem, no decorrer do tempo, e se tornam elementos gramaticais e, se gramaticais, passam a mais gramaticais ainda.

Por fim, deve-se dizer que o trabalho desenvolvido por E. C. Traugott (1982) trata da análise dos aspectos semânticos e pragmáticos relacionados à gramaticalização, identificando os tipos de mudança de significado que ocorrem nesse fenômeno. A autora realizou também um trabalho em coautoria com König (1991), em que a mudança de significado assume a seguinte trajetória: significados identificáveis nas situações extralinguísticas > significados fundados na marcação textual > significados fundados na atitude ou crença do fa-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

lante a respeito do que é dito. Há, portanto, uma tendência para a subjetivação.

A partir dessa breve explanação sobre a teoria da gramaticalização, são feitas algumas reflexões sobre a ocorrência do “que nem” com o valor de conjunção comparativa.

2. O processo da comparação: análise de dados e conclusões

A codificação das estratégias associadas ao processamento comparativo é, na visão de Lima-Hernandes (2006), variada nas línguas. Segundo a autora, os caminhos pelos quais o indivíduo pode estabelecer a tarefa de comparar são vários, mas todos estão circunscritos a uma atividade, antes, sensorial de observação, seguida de uma justaposição de elementos em um processamento cognitivo, que sugere um conhecimento pré-estabelecido: o emolduramento pragmático.

Para a autora, a marcação de graus de igualdade entre elementos é, ao que parece, uma necessidade comunicativa. Assim, entre objetos (animados ou não) que compartilham muitas, mas não todas as características, haveria, como aponta Lima-Hernandes, uma sinalização da subjetividade do falante, ou seja, seu julgamento sobre o fato visto, como é observado no uso do “que nem” com valor comparativo.

Convém ressaltar que à medida que a expressão “que nem” adquire função de conjunção comparativa, a sua mobilidade se restringe a posições determinadas da organização morfossintática, ou seja, aparece entre dois elementos (ou orações) que estão sendo comparados, isto é, lança um elemento que serve de comparação para outro. Esse aspecto (mobilidade restrita) demonstra, segundo a proposta de Heine & Reh, a ocorrência da gramaticalização. Pode-se dizer que a expressão “que nem” atua como expressão cristalizada, pois os itens “que” e “nem” não são encontrados separados um do outro: os dois juntos assumem o valor semântico de “do mesmo modo que/como”.

Dessa forma, pode-se dizer que o significado de “que nem” está mais abstrato, sendo generalizado para comparar duas porções

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

discursivas. A seguir, têm-se exemplos de fala em que a construção “que nem” assume a função de conectar orações. Deve-se dizer que, embora os dois últimos exemplos sejam retirados de jornal, eles se referem à transcrição de uma fala.

1) Doc.: e:: o senhor acha que a televisão atrapalha muito assim na vida das pessoas?

Inf.: olha hoje sim porque:... o casamento viro(u) *que nem* uma ro(u)pa... se troca de marido e de mulher a hora que qué(r)... e casamento num é bem assim... (IBORUNA, AC-091)

2) Doc.: [e a] ex-mulher morreu ou não?

Inf.: forte *que nem* um... um to(u)ro ... (IBORUNA, AC-100)

3) Inf.: ... então eu costume dizê(r) que eu sô(u) espiritista eu não sô(u) espírita... o espírita é aquele que se dedi::ca que vai acompa::nhá e pa pa pa faz tudo se dedica mesmo o espiritista... o espírita é o que se dedica... o espiritista é o que frequenta... *é que nem* o católico né?... o católico tem aquele que vai:: que reza que ministra e que pa pa pa e tem aquele que só vai no banco e frequenta... né? (IBORUNA, AC-100)

4) Inf.1: ENTÃO ela tinha trazido um estojo assim *que nem* deu o ano passado pro C. o(u)tra vez... (IBORUNA, AI-006)

5) “Folha – E os impostos? Fritsch – A área comercial é como um elefante. Se a gente erra, eles começam a fazer barulho, a ranger. Dá tempo para consertar. Ativo, doutor, *é que nem* coelho.” (*Folha de São Paulo*, 31/12/94)

6) “PDT HOJE ‘Estamos *que nem* caminhão de mudança. Cai um cachorro aqui, uma mesa ali e a gente nem sente falta.’ Leonel Brizola, líder pedetista, ontem no ‘Jornal do Brasil’” (*Folha de São Paulo*, 21/11/94)

A partir desses dados, observa-se que o uso e o sentido do “que nem” é semelhante ao do “como”, o que comprova o seu valor comparativo. No exemplo 5, nota-se que o falante utilizou, primeiramente, o “como” para estabelecer a comparação (“A área comercial é *como* um elefante”) e depois utilizou o “que nem” com a mesma função e valor (“Ativo, doutor, *é que nem* coelho.”). Portanto, as duas expressões atuam em contextos semelhantes.

Para finalizar, o exemplo, a seguir, mostra que os itens “que” e “nem” apresentam uma autonomia sintática e semântica:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

...a SALA é bem grande... a cozinha é é:: é grande e a:: área de serviço nós dá até pra por um varalzinho e tal tem lugar *que nem* cabe um varalzinho cara... então... acho que::... foi bom (IBORUNA, AI-008)

No trecho acima, o “que” está sendo utilizado como conjunção integrante e o “nem” como advérbio de negação. Portanto, acredita-se que, antes usados de maneira independente, os itens “que” e “nem” acabaram se unindo com o tempo formando uma expressão cristalizada com o valor de comparação.

BIBLIOGRAFIA

BYBEE, J.; HOPPER, P. (ed.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Philadelphia: John Benjamins, 2001.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; BRIAN, (eds.) *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell. (inédito)

CÂMARA JR, J. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: [s.e.?], 1979.

CASTILHO, A. A gramaticalização. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 19, p. 25-64, 1997a.

_____. Língua falada e gramaticalização. *Filologia e linguística portuguesa*, n. 1, p. 107-20, 1997b.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. London: Academic Press, 1979.

GONÇALVES, S. C. L. *O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. Relatório de pesquisa parcial apresentado à FAPESP, 2005.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA HERNANDES, M. C. P.; CASSEB-GALVÃO, V. C. *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

HEINE, B., REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in African Languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

HEINE *et. al.* *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, p. 17-35, 1991.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 1993.

LEHMANN, C. Grammaticalization: Synchronic variation and diachronic change. *Lingua e Stile*, 1985, 20:303-318.

_____. *Thought on grammaticalization*. Munich: LINCOM EUROPA (originalmente publicado como *Thought on grammaticalization: a programatic sketch*. Köln: Arbeiten des Kölner Universalien 49 – Projects, v. 1), 1995 [1982].

LIMA, J. P. Grammaticalization, subjectification and the origin of phatic markers. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (Ed.), *New Reflections on Grammaticalization*. 2002. xiv, 437 p. 363–378.

LIMA-HERNANDES, M. C. *Interface Sociolinguística/Gramaticalização – Estratificação de usos de tipo, feito, igual e como – diacronia e sincronia*. Tese de Doutorado. Programa de Linguística. Campinas: IEL/UNICAMP, 2005.

_____. Níveis de processamento da comparação no Português Contemporâneo e Padrões Funcionais de *como*. In: *Estudos Linguísticos XXXV*, 2006. p. 1322-1330.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. *A gramaticalização da perífrase conjuncional ‘só que’*. Campinas. Tese de Doutorado – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2003.

_____. *Amostra diacrônica do português*. UNESP/IBILCE – Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, 2004.

_____. Um exemplo de (inter)subjetivização na linguagem: a reconstrução histórica de ‘ainda’. In: *Estudos Linguísticos XXXIV*. Gel: Campinas, p.1636-1366. 2005.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

MARTELOTTA, M. E, *et alii*. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1996.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1912.

TORRINHA, F. *Dicionário latino-português*. 3. ed. Porto: Marânus, 1945.

TRAUGOTT, E., HEINE, B. (orgs.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. John Benjamins Publishing Company, 1991.

TRAUGOTT, E. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W. P.; MALKIEL, Y. *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982, p. 245-271.

VOTRE, S. *et alii*. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.